

**DOSSIÊ 2 - Epistemologias
somáticas na pesquisa artística**

**INSURGÊNCIAS ÉTICO-POLÍTICAS NA DANÇA E NA SOMÁTICA:
ONDE ESTÁ A “PÉLVIS”?**

**ETHICO-POLITICAL INSURGENCIES IN DANCE AND SOMATICS:
WHERE IS THE “PELVIS”?**

João Paulo De Oliveira Lima¹
Thiane Nascimento Ferreira²

1. Doutorando em Dança
Universidade Federal da Bahia
E-mail: joaopaulolima@culturadef.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3441793005672023>
ORCID: 0000-0002-4924-0692

2. Mestra em Dança
Universidade Federal da Bahia
E-mail: thiane.nascimento@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0210304956598860>
ORCID: 0009-0008-9939-4455

RESUMO: Este texto provém de uma escrita biautoral, ancorada nos saberes localizados (Haraway, 2009) em primeira pessoa e experimentada na disciplina Epistemologias Somáticas ministradas pelo professor Diego Pizarro (IFB), entre agosto e novembro de 2023, na UFBA. Dessas experiências, os autores abordam a necessidade de considerar a diversidade de corpos, incluindo corpos com deficiência, nas práticas artísticas, questionando o bipedismo compulsório (Carmo, 2019) e referenciando outros artistas com deficiência do Brasil. A pélvis é destacada como uma episteme, que promove a subversão de lógicas e silenciamentos que impactam os corpos culturalmente. A descrição de práticas pedagógicas e artísticas, como na plataforma Pelvika, evidencia a importância de criar espaços de troca e discussão em torno dos saberes pélvicos e da diversidade de corporalidades. A discussão se estende para a necessidade de repensar os padrões de verticalidade na dança e na somática, considerando a diversidade de corpos e movimentos. A utilização de mapas somáticos como ferramenta de pesquisa e criação é apresentada como uma forma de reconhecer e corporalizar os conhecimentos experienciados. Destaca-se a urgência de repensar metáforas e vocabulários para de fato incluir corpos diversos e subverter estruturas normativas e excludentes. A necessidade iminente de reavaliar metáforas e terminologias vivenciadas em práticas de dança emerge da conclusão de que se faz necessária a atenção e a presença de corpos diversos para a subversão de estruturas normativas e discriminatórias.

Palavras-chave: Dança; deficiência; pélvis; Somática.

ABSTRACT: This text derives from a bi-autorial writing, anchored in situated knowledges (Haraway, 2009), written in the first person and experienced in the Somatic Epistemologies course taught by Professor Diego Pizarro (IFB) from August to November 2023 at UFBA. From these experiences, the authors address the necessity of considering body diversity, including disabled bodies, in artistic practices, questioning compulsory bipedalism (Carmo, 2019) and referencing other disabled artists from Brazil. The pelvis is highlighted as an episteme that promotes the subversion of logics and silencing that culturally impact bodies. The description of pedagogical and artistic practices, such as those on the Pelvika platform, underscores the importance of creating spaces for exchange and discussion around pelvic knowledges and the diversity of corporealities. The discussion extends to the need to rethink verticality standards in dance and somatics, considering the diversity of bodies and movements. The use of somatic maps as a research and creation tool is presented as a way to recognize and embody experiential knowledge. The urgency to rethink metaphors and vocabularies to truly include diverse bodies and subvert normative and exclusionary structures is emphasized. The pressing need to reevaluate metaphors and terminologies experienced in dance practices emerges from the conclusion that the attention and presence of diverse bodies are essential for subverting normative and discriminatory structures.

Keywords: Dance; disability; pelvis; Somatics.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a compartilhar inquietações que envolvem o problema da verticalidade compulsória (Carmo, 2019) e da anatomia hegemônica na dança. Tais inquietações incluem discursos e práticas anti capacitistas, se entendemos que falar de corpo é, dentre tantas perspectivas, proporcionar relações entre corporeidades e suas subjetividades, o que nos leva a termos que considerar uma diversidade de corpos, entre eles os corpos com deficiência.

Nossos caminhos de pesquisa – uma mestra profissional em dança e um doutorando em dança – se cruzam, primeiramente, no grupo de pesquisa PORRA, do Curso de Dança da Universidade Federal da Bahia, que tem como foco criar modos de fazeres diversos que transitam no contexto acadêmico por meio de criações artísticas e epistemologias disruptivas.

A ascensão da primeira pessoa nesta escrita, seja no singular ou no plural, contribui com os novos caminhos que a pesquisa acadêmica nas áreas de humanidades e artes permite, na qual a neutralidade perde espaço para a autoria em primeira pessoa. Aachamos relevante, diante da suposta neutralidade científica, sobrepor nossos “eus” para ratificar a experiência da dança e de cada discurso que se constrói conjunto e politicamente como relevantes à pesquisa acadêmica. Além disso, o eu que se declara aqui, instaura escritas autobiográficas, relatos de experiência e autoetnografias como registros não concomitantes ao empirismo positivista.

O fato é que, nas Ciências Humanas — aí incluída a Educação —, num certo afã de copiar a pretensa neutralidade das Ciências Naturais, é bastante comum não ficar claro quem é o autor do discurso que está sendo posto à disposição dos leitores ou ouvintes. Em outras palavras, frequentemente aquele ou aquela que escreve fica escamoteado, pelo uso indevido dos pronomes pessoais e/ou pela completa indeterminação do sujeito (Neto, 2014, p. 63).

Para não escamotear nem uma das vozes que se articulam neste texto, contrariamente, abrimos espaço para uma discussão em que o eu e/ou o nós conformam uma escrita de biautoria, performativa, de narrativa comprometida e implicada com as experiências recíprocas e compartilhadas entre ambos, autora e autor.

Nossas experiências e interpelações aqui apresentadas trazem, portanto, o que Harraway (1995) nomeou como “saberes situados” (*situated knowledges*), saberes concretos de um corpo com deficiência (def), gay e cisgênero (cis) e de uma mulher

cis postos em discussão. Nossas falas (de uma mulher e de um homem def) formam parte de discursos subalternizados que emergem nesse registro com nossos desejos de refletir, tensionar algumas questões relacionadas à construção de padrões, a corpos defs e suas estruturas fisiológicas e cognitivas desviantes. Tudo isso nos coloca diante da seguinte pergunta: como é possível propor práticas com foco na pélvis, considerando corpos defs na Plataforma Artística-Pedagógica Pelvika? A plataforma, idealizada por Thiane Nascimento, propõe-se a criar espaços de troca em torno dos saberes pélvicos com o propósito de ampliar a relação interpessoal, biopolítica (Pellbart, 2007) e afetiva entre os corpos rebolantes. A questão se põe não apenas no aguardo de uma resposta definitiva e reveladora, mas no intuito de levantar reflexões sobre nossas práticas como pesquisadores de dança e de algum modo provocar políticas de acesso a pessoas mulheres, homens, crianças, adultos e idosos defs.

#insurgência¹

A dança contemporânea pode ser abordada como um campo de pesquisa, criação e educação que considera outros modos de convivência e amplia interlocuções entre arte, política e estética. No entanto, ainda se percebe em aulas de dança a ausência de referências, repertórios, dispositivos, procedimentos, atitudes e vocabulários que insiram a deficiência como condição humana.

Nessa perspectiva, eu, João Paulo (JP), desde o primeiro período do doutorado, tensiono em sala de aula (mas não somente) a ausência de pessoas defs nos conteúdos e em processos de criação de cada componente curricular do Doutorado em Dança. Ou, ainda, reparo o desfalque nos exemplos e considerações entre docentes e discentes e nas suas respectivas referências quando se cruzam temas como dança, Somática e anatomia, por exemplo. A ausência absoluta desses artistas e suas corporalidades defs na dança desfaz, a meu ver, toda a perspectiva da dança contemporânea como diversa e permissiva.

Desse lugar de fala (Ribeiro, 2017) como lugar de dança, lanço então a pergunta: de que corpos estamos falando quando falamos de práticas dançantes, ou ainda, de que corpos falamos quando falamos de pélvis defs? Mais especificamente: em que contexto de dança e Somática esses sujeitos são invisibilizados? Essas perguntas se assentavam em minha pesquisa de doutorado¹ (JP) naquele momento e se conectaram às proposições de Thiane Nascimento (TN).

¹ Projeto de doutorado *Moveres defdanças em primeira pessoa: coimplicação entre ativismo e criação dancística de corpos de artistas com deficiência*, de João Paulo Lima, orientado pelo professor Dr. Joubert de Albuquerque Arrais (Universidade Federal do Cariri – UFCA).

#insurgência2

Tenciono a região da pélvis como parte protagonista na Plataforma Artística-Pedagógica Pelvika, independente do seu formato. Ao longo das conversas entre JP e eu (TN), surgiram proposições de que a pélvis, independente dos órgãos, está em todos os sujeitos. Mas o que cada pélvis fala sobre seus sujeitos? A pélvis opera numa lógica de que todo corpo humano é formado por uma pelve, independente de sua anatomia. Se todo corpo apresenta uma pélvis, não é possível considerar apenas corpos hegemônicos em nossas práticas.

No decorrer da pesquisa, tornou-se imprescindível reconhecer a pélvis como episteme, agregando uma cosmologia de saberes afetivos, éticos e políticos. Nesse sentido, a pélvis existe enquanto uma encruzilhada (Rufino, 2019), como modos de subverter lógicas, silenciamentos e formas de opressão que repercutem impactos em nosso ecossistema cultural. Estudar a pélvis numa perspectiva política tem o potencial de destituir, portanto, mecanismos de controle sobre nossos corpos, além de confrontar o projeto erétil bípede. A anatomia a qual nos referimos aqui parte da noção de Somática como “a própria integração teoria e prática: uma *práxis* mesma, com suas camadas e níveis de experiência em diversos níveis, dimensões e interfaces” (Pizarro, 2020, p. 144).

Nesse sentido, toda *práxis* é um convite à corporalização de anatomias, com acesso pelo sentir e perceber do corpo como um todo. Essa aliança entre pélvis e consciência comprometida mais com o sentir e menos com o fazer mecânico é entendida na prática Pelvika como um modo de subversão, de modo a desordenar práticas patriarcais que inferiorizam esse lugar do corpo ao erótico e pecaminoso. Portanto, propor uma prática de dança em que possam se agregar pessoas defs, idosas, jovens, pessoas cis e trans, gestantes e com níveis e experiências diversas na dança, já pode ser subversivo pelo simples fato de reunir diversos contextos em que se compartilham movimentos de sujeitos que geralmente não costumam participar de atividades de dança. Mover a pélvis em grupo é conhecer mais sobre si, ao mesmo tempo, em que se expande a noção sobre coletividade, pertencimento e diversidade.

Enquanto mediadora, sou constantemente desestabilizada por circunstâncias que um público muito diverso demanda. Em certas ocasiões, ao ministrar práticas em diferentes espaços e contextos, deparei-me com situações que reforçaram minhas expectativas e apostas numa prática dançante mais abrangente e democrática. Espantei-me, uma vez, quando uma mulher vestida com um *hijab* (véu usado por muçulmanas) entrou em uma das minhas aulas, outra vez com a presença de homens idosos dispostos a

dançar, ou ainda, inesperadamente, ter uma turma formada por metade de pessoas em cadeira de rodas e a outra metade bípede.

Entendo que algumas posturas básicas propostas na plataforma Pelvika, como sentar, deitar, rebolar no chão e acocorar-se não são possíveis para todos os corpos, mas, além das adaptações que proponho, vale a reflexão que trazem à tona, pois são posturas consideradas estigmatizantes, ligadas à impotência, pobreza, submissão, à falta de higiene, ou seja, uma condição inferiorizada. Por outro lado, são essas posturas fundamentais para reconhecimento da noção de corpo integrado. Essa relação do corpo com o chão é inclusive muito experimentada nas práticas somáticas, entendida por Mabel Elsworth Todd² (2017) como repouso construtivo.

A partir das experiências com a Somática, nosso eixo reflexivo interrelaciona dança, ação ético-política, e corpos defs. Desse modo, as noções de eixo e padrões enraizados são subvertidas e desestabilizadas por meio de nossas práticas interseccionais ao modo de Davis (2017), a qual enfatiza que as experiências não podem ser compreendidas isoladamente, muito menos quando são experiências de opressão. Ademais, importa entender que corpos com deficiência agregam muitas outras camadas dessa opressão, seja como corpo def mulher, corpo def mulher negra, corpo def trans, entre outros. Nesse histórico de lutas e reivindicações, os corpos com deficiência foram isolados de suas interseções, de sua própria humanidade e, mais ainda, de seus direitos. Ainda em Davis, se o sistema de opressão se organiza de modo interconectado, é preciso que as lutas se unam de modo integrado e interfiram nas práticas sociais, de modo a comprometer e abordar a luta de todos. Pélvis, aqui, é entendida enquanto argumento de pluralidade, indo ao encontro da pesquisa de JP, que apresenta a ideia de “moveres defdancísticos”³, ou seja, considera a pluralidade de corporalidades, movimentos e danças de corpos defs..

Até onde os práticas e aulas de Somática estão dispostos a superar a ideia de verticalidade (cabeça, tronco e membros como referências fisiológicas) e se distanciar de um vocabulário ainda anatomicamente hegemônico? Se considerarmos a prática das pesquisas sobre corpos defs e pélvis, ainda que escassas na dança, como a de Ana Carolina Teixeira e Eduardo Carmo, percebemos a escassez dos estudos que explorem e façam referência a esses corpos. Sabemos também que essa dificuldade de uma epistemologia de corpos def é o resultado histórico de uma dança que excluiu mais que agregou a atipicidade e a deficiência como modos de existência, possibilidade de criação e pesquisa de movimento. Ainda assim, autores de outras áreas, como Anahi de Mello e Marco Gaverio, ambos da antropologia, auxiliam

² “Mabel Elsworth Todd (1880 – 1956) é conhecida como a fundadora do que veio a ser conhecido como Ideokinesis, uma forma de educação somática que se tornou popular na década de 1930 entre dançarinos e profissionais de saúde” (TODD, 2017).

³ Termo utilizado por João Paulo Lima em sua pesquisa de doutorado em andamento.

na contextualização ativa e pertinente das novas maneiras de pensar deficiência e sociedade. A pesquisa, mesmo lentamente, apresenta avanços, mas julga o capacitismo como ideia falida de uma cultura da verticalidade e lateralidade como parâmetros únicos entre sujeitos. O que me norteia como artista dançante e pesquisador (JP) é a realidade conjunta de corpos com e sem deficiência que exercitem suas outras/próprias possibilidades de moveres em suas condições específicas, sejam elas físicas ou neurológicas. Dessa inquietação, a inserção da Somática como estudo político do corpo precisa subverter a linguagem, de modo que ela não acione o movimento ou as percepções apenas pelos planos, direções e posturas, visão e escuta auditiva, mas que considere a existência de tantos modos de estar presente e se movimentar sem um escopo normativo, como é o caso dos corpos defs.

Os estudos somáticos estão em profundo desenvolvimento, especialmente pela presença em programas de pós-graduação em diferentes continentes, mas também pela existência de diversos programas de formação em práticas somáticas, e vem se ramificando e contribuindo para atualização da visão de corpo no mundo que muito nos interessa aqui. Sylvie Fortin (2017) afirma que “a jornada do campo da somática foi transformada e amplificada desde a sua origem e, atualmente, explora cinco novos ramos: a somática social, a ecossomática, somática e a espiritualidade, saúde e bem-estar e educação” (apud Grebler; Pizarro, 2022, p. 213). Seguimos refletindo em conjunto para compreender como nossas pesquisas individuais ampliam a noção de Somática e seu escopo de atuação.

DEFS-PÉLVIS: no chão para uma experiência pelvika

Ao longo da disciplina Epistemologias Somáticas na Pesquisa Artística, cursada em 2023 no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), ministrada pelo Prof. Dr. Diego Pizarro, desenvolvemos mapas anatômicos performativos das pesquisas pessoais, e surgiu em nós o interesse por cruzar nossas pesquisas com trabalhos e pesquisas de outras pessoas, artistas e pesquisadores predominantemente defs. Percebemos que Defs e Pélviz, que carregam a letra “s” em comum, sugerem curva, desvio, movimento, sinuosidade.

Para Thiane, a insistência em usar Pélviz ao invés de pelve é sobre compreender o uso do “s” como um caminho que a coletividade pode nos ensinar. O “s” é a troca de saberes coletivizados. O “s” sugere ser a curva que mulheres anatomistas tiveram que fazer para serem reconhecidas em instituições predominantemente ocupadas por homens cis e brancos, como o campo da medicina tradicional. O “s” é o desvio descentralizador dos detentores do

conhecimento do corpo, que restringem o conhecimento do corpo a quem estudou medicina. Tal como o “s”, o “k” usado no nome do projeto Pelvika também revela essa sutil alteração escrita.

O “s” converge para a imagem da Curva Sinuosa que a artista def Jéssica Teixeira (Ceará) nos aponta como caminho desviante de seu corpo para pensar que: “se partimos da ideia de que somos todos *homo erectus*, eus ou toda curvas” (Teixeira, 2022). A imagem do “s” nos enche de imprecisão como escolha metodológica quando queremos pensar o corpo como experiência única, tanto estática quanto somática. O corpo que salteia, manca, arrasta-se e espasma enquanto caminha é o corpo def e sua potencialidade de entender-se fora da curva hegemônica. O “s” como desvios, um caminho possível para estarmos atentas aos poderes excludentes, convida-nos a lubrificar discursos lineares, binários e pensamentos imperativos impostos pela estrutura do sistema dominante vigente, que é ancorado no racismo, no capitalismo, no colonialismo, no patriarcalismo e todos esses “ismos” que enrijecem e excluem corpos.

A seguir, dentre tantos trabalhos importantes, escolhemos apenas dois, de artistas e pesquisadores que, por meio dos seus fazeres, alargam nossas percepções e nos inserem em outros entendimentos e possibilidades de estruturas de corpo fora do eixo hegemônico. A começar pela atriz cearense Jéssica Teixeira, que investiga em seu solo *E.L.A* (2022)⁴ seu próprio corpo inquieto, estranho e disforme, questionando de que forma ele interage com o mundo. Segundo Ivana Moura (2019, s/p),

Ao carregar episódios biográficos, a atriz traça em paralelo uma linha histórica desde o corpo da Grécia, encontrando as guerras mundiais e as ações mais recentes. Jéssica fala sobre beleza, outras formas de beleza, jeitos de estar no mundo. Faz do seu corpo um ato político. Subverte lógicas. Convoca o protagonismo para si. Esquadrinha a ditadura do corpo bonito e funcional, aquele que não se encaixasse nessa régua seria exterminado.

A segunda obra a que nos referimos aqui é o icônico filme britânico *The Cost of Living*⁵, um filme de dança e teatro físico criado a partir da adaptação de uma produção teatral do DV8 Physical Theatre. O filme usa dança, diálogos e teatro físico para contar a história de dois artistas de rua, os protagonistas Dave (David Toole) e Eddie (Eddie Kay), que estão desempregados em um resort à beira-mar no final do verão. Dave é um dançarino duplo amputado determinado a manter sua independência com sua deficiência. Eddie é um personagem duro e agressivo que acredita na justiça e no respeito. Através de uma série de cenas e danças, Dave e Eddie encontram-se e interagem com outras pessoas que vivem à margem da sociedade.

⁴ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=M16GDZbJceg&t=1s>>. Acesso em 31 de out. 2024.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vIDxSGyO_TQ>. Acesso em 31 de out. 2024.

Mapa – caminhos de pertencimento ou como não criar constrangimento vocabular

A partir das proposições sugeridas por Pizarro no referido componente curricular, pudemos experimentar processualmente a criação de mapas somáticos implicados na abordagem de corporalização dentro do escopo das dimensões da Anatomia Corporalizada e da Embriologia Corporalizada. Esses procedimentos foram elaborados a partir de práticas somáticas, em específico o *Body-Mind Centeringsm* (BMCsm)⁶. A cada encontro, após uma série de exercícios de silêncio, pausa, descanso profundo, autorregulação do sistema nervoso autônomo, percepção de si e movimentações, com ênfase na respiração e na coluna vertebral, seguíamos com uma conversa em que elaborávamos questões e proposições sobre os exercícios. Os compartilhamentos diziam muito sobre o momento anterior, o antes e depois de chegar em aula, como sentíamos nosso corpo após a atenção concentrada a ele. Dessa conversa, era proposto o espalhamento da folha de papel madeira, onde desenhemos e escrevemos aquilo que nos inquietava e acrescentava ao conhecimento sobre Somática.

O mapeamento permitiu reconhecer e corporalizar o conhecimento experienciado a partir das proposições, além de ser um suporte no processo de criação e desenvolvimento da pesquisa de cada pessoa participante. O contato com a metodologia do mapa ampliou a noção de corpo, sentida e presentificada no tempo do corpo de cada pessoa. Interessa-nos ressaltar a noção do tempo de cada corpo, desses diferentes corpos que podem ser acolhidos na Somática, pelo menos aquela que experienciamos com Pizarro, o qual propôs oferecer um espaço para escutar a respiração celular, o sistema nervoso, o fluxo sensório-motor, os fluidos sinoviais e a presença de notocorda embrionária, no tempo de cada pessoa.

Quando se fala de tempo, pausa, repouso e horizontalidade já nos deparamos com padrões de oralidades hegemônicas. Uma pessoa com paralisia cerebral, por exemplo, tem em si um outro tempo para lidar com o tempo hegemônico. Já sabemos que corpos defs têm seu próprio tempo, mas nos interessa refletir sobre como a dança e a Somática têm se dedicado a criar caminhos para a diversidade dos corpos. Reconhecer que “vamos deitar no chão para sentir nossa respiração”, comumente falado em práticas de dança, nem sempre pode ser confortável para alguém com paralisia, uma pessoa cadeirante ou amputada. O que pode significar indicar para uma pessoa com paralisia pausar o movimento ou se manter ereta? Como a dança e a Somática podem observar mais corpos defs?

O mapa somático teve e tem profunda relevância no desenvolvimento de nossas pesquisas e práticas. Vale ressaltar a importância dessa disciplina para mim, Thiane, que pude atualizar meus estudos em Somática, inicialmente realizados entre os anos 2002 e 2006, ao estudar com Adriana Almeida, Tarina Quelho e Rose Akras. Revisitar a proposta somática é revisitar formas de vida, é um convite para a transformação, (def)ormação do que percebemos e vivemos enquanto parte integrante de um antropocentrismo gasto. Amalgamar com um corpo def em estado de corporalização é desestabilizar o eixo central, cabeça e cauda. Misturar-me às questões dos corpos defs a partir da visão de mundo de JP fez com que eu ampliasse e desestabilizasse minha própria pélvis.

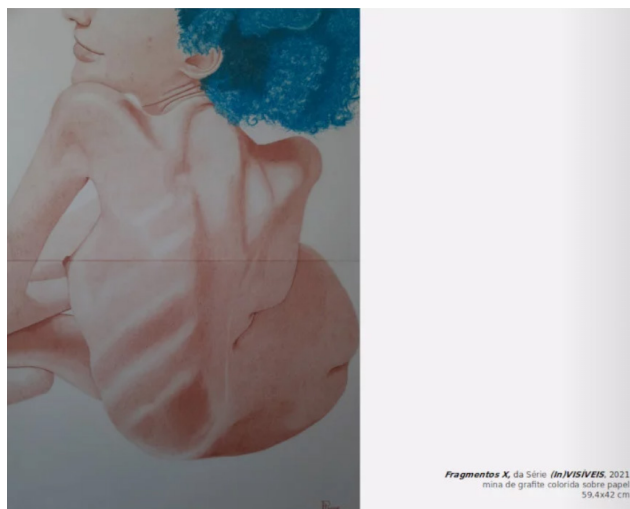
Certamente, o mapa se tornou uma proposta de reconhecimento, de pertencimento aos corpos. O mapa nos implicou na delimitação de um formato do corpo de cada um, contornado por outras pessoas. Esse contorno foi preenchido internamente e externamente com palavras, imagens, perguntas, dobras e cores. Debruçar-se, inclinar-se com o próprio corpo sobre o que se percebe do corpo. Esse fazer-ser-pertencer nos leva a perguntar como é possível não criar constrangimento vocabular diante de corpos que coabitam outros tempos e formas, que têm pélvis, mas se deslocam fora do que naturalizamos como eixo padrão. Sim, todo mundo tem pélvis, mas nem toda pélvis tem fêmur; toda pessoa é um corpo, mas nem todas as pessoas têm seus direitos assegurados. Pessoas defs, sobretudo mulheres que possuem o cognitivo comprometido, não podem decidir se querem ou não parir. Por lei, é assegurado que somente a família pode decidir por ela, a sociedade escolhe abortar por elas (JP).

Nesse macrocosmo excludente, como mapear em nossas pesquisas, práticas e modos de vida, raízes da bipedia compulsória, a fim de horizontalizar e transformar perspectivas históricas de subalternidade das corpos destoantes dos padrões? E por que não inserirmos em nossos desenhos de mapas somáticos, fisiológicos e anatômicos a existência de outras perspectivas de ângulos, curvas, ausências-presença dos corpos? Não seria a Somática um campo que se abre a esses des-formatos que agregam experiências e percepções ainda não exploradas?

O artista e filósofo def Fábio Passos (Piauí) propõe em seus desenhos de tamanho real, criados a partir de fotos de corpos defs nus, a imagem dessas possíveis dobras existentes em outras pélvis, colunas, verticalidades parciais que nos põem frente à tradicional lógica bípede compulsória (Carmo, 2014) persistente nas áreas de estudos do corpo.

⁶ *Body-Mind Centeringsm* é um sistema somático desenvolvido pela terapeuta ocupacional e dançarina estadunidense Bonnie Bainbridge Cohen e por seus/suas colaboradores/as. Essa prática envolve experiências profundas com o desenvolvimento da criança (Corporalização do Desenvolvimento do Movimento), os sistemas corporais (Anatomia Corporalizada) e a Embriologia Corporalizada (Pizarro, 2020, 446 p. 69)

Figura 1 – Fragmentos X



Fonte: Fábio Passos, 2020.

#paratodosverem: imagem de um corpo feminino sentado de costas, cuja estrutura esquelética possui desvios na coluna. Ela tem a cor branca, levemente rosada, tem cabelos azuis e está nua. Sua posição sentada e os traços do desenho deixam relevantes seu mamilo esquerdo e os ossos das costelas do mesmo lado, bem acentuados.

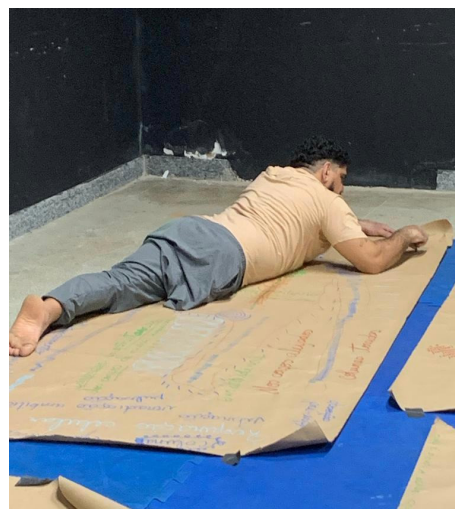
Figura 2 – Fragmentos III



Fonte: Exposição virtual (In)visíveis. Disponível em: <<https://invisiveis.ccbj.org.br/>>. Acesso em: 10 de dez.de dezembro de 2023.

#paratodosverem: imagem vertical de um corpo feminino branco, rosado desenhado apenas do busto para baixo. Os traços do desenho revelam um desalinho dos membros inferiores, com as patelas do joelho e o formato dos pés marcados. Sua púbis se destaca em meio a uma pélvis larga que toma o centro da imagem

Figura 3 – Criação e desenvolvimento do mapa somático anatômico-performativo.



Fonte: Acervo pessoal de Diego Pizarro (2023).

#paratodosverem: à esquerda, JP, homem pardo, amputado da perna direita, está deitado de barriga para baixo sobre um papel craft cheio de rabiscos de imagens e palavras, no papel está desenhado seu mapa.

Figura 4 – Criação e desenvolvimento do mapa somático anatômico-performativo.



Fonte: Acervo pessoal de Diego Pizarro (2023).

#paratodosverem: à direita, mulher branca, sentada no chão coberto com um tatame azul, desenha em um papel craft seu mapa somático e insere outras imagens sobre o desenho com giz de cera colorido.

Um campo de práticas libertárias que navegam em princípios holísticos, numa perspectiva do bem viver e conviver,

a Somática nasceu da urgência de resolver coisas que o mundo ocidental não dava conta de resolver, foi assim o surgimento das práticas somáticas euro-americanas, e é assim atualmente com a nossa necessidade de criar frestas para poder nos expandir com integridade dentro de nossa engrenagem capitalista (Pizarro, 2023, informação verbal)⁷.

Não que a somática consiga dar conta, mas ela dá corpo para a construção de sentidos. Segundo Grebler e Pizarro (2022, p. 207), “a Somática parece indicar caminhos para seu estabelecimento na contemporaneidade a favor de uma nova lógica de posicionamento do ser humano no mundo”.

A criação do mapa somático performativo foi um convite para presentificar desejos, praticar perguntas, dançar questionamentos, mover, sentir a gravidade, fluir e experimentar possibilidades de somatizar a pesquisa. Pizarro sugeriu que fizéssemos uma dobradura com nossos mapas. Depois de frustrantes tentativas, o mapa de Thiane virou um leque e veio com ele o entendimento de que sua pesquisa talvez seja sobre como construir possibilidades de ser enquanto corpo no mundo, inventar variações de si, orientar-se pela pélvis, aventar estigmas e seguir movendo-a, obstinadamente, como um(a) guia.

Meu mapa (JP) foi a primeira imagem do contorno do meu corpo feita por mim mesmo. De outro modo, não normativo, colorido com minhas palavras, sensações e ideias sobre meu próprio corpo, sem os filtros de uma hegemonia opressora e seletiva. Também pude mostrar aos colegas de curso esse desenho meu, delineado e comentado pela cor e palavras escolhidas para meu corpo def.

A prática dos mapas feitos por cada pessoa e compartilhados reciprocamente criou uma ambiência de conhecimentos partilhados, numa feitura de parentescos (Haraway, 2021) múltiplos e possíveis. Uma rede em que se diferencia e se diversifica a partir da experiência a consciência do existir de outros corpos, outras linhas, curvas, audições, visões.

Haraway (2021) sugere que o parentesco não deve ser entendido apenas em termos de genética, mas como uma rede complexa de relações que inclui amigos, comunidades e até mesmo tecnologias. Essa abordagem permite uma compreensão mais ampla de como as identidades e os afetos são formados. Não diferente, a Somática, e sua referência ao corpo vivido e às experiências corporais, está ligada à maneira como as pessoas se relacionam entre si e com o mundo. Haraway parece conectar a somática ao parentesco, argumentando que as experiências corporais influenciam e moldam os vínculos afetivos. A autora propõe que as relações que cultivamos — humanas e não

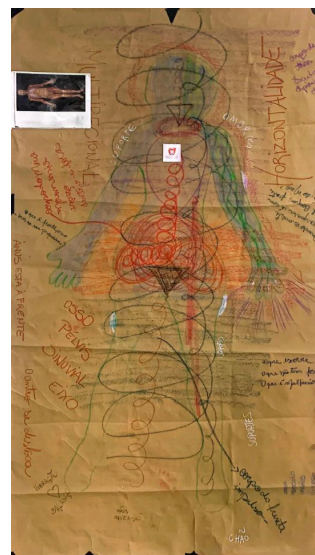
humanas — são fundamentais para o que sabemos e como conhecemos o mundo. Os parentescos, portanto, não são apenas relações de sangue, mas também de cuidado, aprendizado e co-criação. E por isso, talvez um pouco tardia, a pergunta neste texto ainda insiste: onde estão os corpos com deficiência e suas contribuições para a dança, para a Somática e para compartilhamento de suas experiências pélvicas nos estudos dessas áreas? Ademais, entendemos e praticamos realmente como uma cadeia de corporalidades que não se baseiam mais em modelo vertical bípede-ouvinte-enxergante- neurotípico?

A visão de Haraway sobre parentescos na Somática desafia categorias tradicionais e nos convida a repensar como nos relacionamos uns com os outros e com o mundo ao nosso redor. Essa abordagem promove uma compreensão mais rica e multifacetada de como construímos nossas identidades e comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mapa somático da pesquisa de Thiane abaixo (Figura 5) dá pistas da pélvis enquanto zona de conflito, território de confluências, centro propulsor de energia multidirecional, da relação garganta-ânus, osso suporte, corpo do meio, corpo da frente como impulso sinovial, vibração e a ação de dobrar, desdobrar e vestir o mapa que virou uma saia.

Figura 5 – O processo final do mapa antes da dobradura que o transformou em leque e depois numa saia.



Fonte: Acervo pessoal de Thiane Nascimento.

#paratodosverem: imagem do desenho de Thiane e seus rabiscos coloridos com outros desenhos, palavras e frases ao redor do desenho desse corpo de mulher onde uma linha espiralar é traçada sobre o corpo de cima para baixo.

⁷ Anotações de diário de processo de Thiane Nascimento, durante o componente curricular TAL, ministrado por Diego Pizarro, Salvador, setembro de 2022.

Provavelmente, as conclusões que temos ao fim desta escrita é a respeito da urgência que temos de nos posicionar contra as estruturas exaustivamente rígidas, e por isso mesmo falidas, dos sistemas e ecossistemas em que tentamos sobreviver. Não tratamos aqui de buscar resultados e depoimentos de outros tantos colegas que participaram dos encontros dentro e fora da sala de aula, mas certamente constatamos, como síntese de nossas experiências, a necessidade de corporalizar nossos moveres e nossas pélvis para uma transgressão de saberes normativos e normalizadores, deixando ao corpo (e a qualquer corpo) o devido lugar de deslocamento, ação, criação e, claro, política.

Transmutar para uma cosmologia que subverta lógicas e ressignifique narrativas que podem romper com a binariedade e a bipedia. O que é acima e abaixo para os corpos não hegemônicos subverte o posicionamento dos órgãos, membros e vozes. Seus sentidos não lineares, seus caminhares não bípedes e não verticais se espriam na horizontalidade. Essa zona fronteira da diversidade dos corpos com seus mistérios e suas complexidades a que não damos trégua e contemplamos como uma possibilidade infinda de se entender “somas” somáticas. Por não ser linear, ser caos, ela possui suas organizações divergentes e diversas.

Essa transmutação é um urgente processo de mudança em pequenas atitudes e vocabulários anti capacitistas e decolonizadores. Primeiramente, em posturas atitudinais, o que chamamos atualmente de “acessibilidade atitudinal”, quando revisamos e reparamos todo o nosso histórico de expressões e direcionamentos do corpo def a partir do que a normatividade define sobre deficiência, capacidade, limitação. Atitudes que só ocorrem quando nos percebemos como aliados dos corpos dissidentes e subvertemos os espaços, lugares e conteúdos historicamente negados a essas pessoas.

É importante ter como ideia basilar o conceito de Acessibilidade Íntima, definido pela primeira vez por Mia Mingus (2020). Segundo a ativista, a acessibilidade íntima se refere à criação de ambientes e relacionamentos que permitem o acesso e o envolvimento de pessoas com deficiência de maneira plena e respeitosa. Mingus enfatiza a importância de reconhecer as diversas necessidades e experiências de cada indivíduo, promovendo uma acessibilidade que vai além do físico, englobando também aspectos emocionais e sociais. Isso implica em criar espaços onde todos possam se sentir seguros, valorizados e capazes de se conectar de forma autêntica. A ideia é que a acessibilidade íntima é fundamental para construir comunidades mais justas e acessíveis.

Além do conceito de acessibilidade íntima, Mia Mingus (2020) também aborda a interseccionalidade e como diferentes identidades e experiências, como raça, gênero e classe, se entrelaçam com a deficiência. Ela defende que a acessibilidade não deve ser vista apenas como uma questão de adaptações físicas,

mas também como um processo que envolve a construção de relacionamentos saudáveis e respeitosos.

Mingus (2020) destaca a importância de ouvir e validar as vozes de pessoas com deficiência, reconhecendo suas necessidades e desejos. A acessibilidade íntima envolve um compromisso ativo de todos os membros de uma comunidade para criar um ambiente onde todos possam participar plenamente e se sentir incluídos. Isso pode incluir práticas como comunicação clara, empatia, flexibilidade e disposição para aprender e se adaptar. A autora também menciona a necessidade de cuidar de si e dos outros, promovendo um ambiente de apoio e solidariedade, onde as pessoas possam se sentir confortáveis para expressar suas vulnerabilidades e necessidades. A ideia é construir uma cultura que valorize a interdependência e a colaboração, em vez da individualidade isolada.

Do mesmo modo, Brigitte Baptiste (2018), em seus estudos sobre ecologia e diversidade, confirma que a diversidade não é uma doença, não exige ser justificada nem exige ser explicada com categorias biológicas. Aqui, eu, João Paulo Lima, pessoa def, professor de dança, também ativista dos direitos das pessoas com deficiência, apelo para a mudança de entendimentos sobre deficiência e doença. O modelo social da deficiência no Brasil, já no início dos anos 1980, tomou a iniciativa de sobrepor novos tratamentos aos corpos def fora da hegemonia do modelo médico (ainda tão operante), considerando a deficiência uma questão mais da sociedade do que apenas do corpo de uma pessoa. A deficiência perdia então o teor de doença e punição biológica e passava a ser entendida como condição característica de um corpo.

Por fim, lançamos mão de uma série de inquietações trazidas por textos, imagens e vivências de aulas que nos jogaram para um movimento de entendimento de que é urgente pensarmos novas metáforas e vocábulos para reparar historicamente e no agora as nossas percepções conservadoras de corpos e de existências. Certamente, a pesquisa e o que nos impulsiona a ela em nossos percursos acadêmicos extrapola o espaço do papel e se instaura em nossos modos e meios de criação, em processos de ensino-aprendizagem, em nossos fazeres dancísticos.

REFERÊNCIAS

BAPTISTE, Brigitte. *Cuerpo y Naturaleza: una mirada desde la Ecoperformance*. *Revista de Ecología Aplicada*, Peru, 23, n. 2, p. 45-58, 2018.

CARMO, Carlos E. O. **Entre sorrisos, lágrimas e compaixões: implicações das políticas culturais brasileiras (2007 a 2012), na produção de artistas com deficiência na dança**. 2014. 131 f. Dissertação (Mestrado em Dança) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

CARMO, Carlos E. O. Desnudando um corpo perturbador: a “bipedia compulsória” e o fetiche pela deficiência na Dança. **Revista Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 13, n. 2, p. 75-89, 2019. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/7422>. Acesso em: 28 out. 2024.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.

FERNANDES, Ciane. No Movimento das Marés: somática, imersão como pesquisa criação em dança. In: FERNANDES, Ciane; SANTANA, Ivani; SEBIANE, Leonard (org.). **Somática, performance e novas mídias**. Salvador: EDUFBA, 2022. p. 333-319.

GREBLER, Maria Albertina; PIZARRO, Diego. Entre Somática e a Dança: reflexões epistemológicas e desdobramentos contemporâneos. In: FERNANDES, Ciane; SANTANA, Ivani; SEBIANE, Leonard (Org.). **Somática, performance e novas mídias**. Salvador: EDUFBA, 2022. p. 213

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 31 maio 2024.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Tradução de Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução de: Marcelo Brandão Cipolla. 2ª. ed. São Paulo: WMF Martins fontes, 2017.

JAGO, Michael. **DV8 Physical Theatre – The Cost of Living**. *YouTube*, 10 maio de 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vIDxSGyO_TQ. Acesso em: 31 out. 2024.

MINGUS, Mia. *Access intimacy, interdependence and disability justice*. **Leaving Evidence [online]**, 2017. Disponível em: <https://leavingevidence.wordpress.com/2017/04/12/access-intimacy-interdependence-and-disability-justice/>. Acesso em: 12 fev. 2022.

MOURA, Ivana. Corpo estranho, lírico e político: Crítica do espetáculo E.L.A. **Satisfeita, Yolanda?** 2019. Disponível em: <https://www.satisfeitayolanda.com.br/blog/corpo-estranho-lirico-e-politico-critica-do-espetaculo-e-l-a/>. Acesso em: 2 nov. 2024.

PASSOS, Fábio. **(In)visíveis**. Galeria em Pauta. Ação cultural do Centro Cultural Bom Jardim. Fortaleza (CE). 2020. Disponível em: <https://invisiveis.ccbj.org.br/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

PELBART, P. P. Biopolítica. **Sala Preta**, São Paulo, v. 7, n. 7, p. 57-66, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v7i0p57-66>. Acesso em: 29 out. 2024.

PIZARRO, Diego. **Anatomia Corpoética em (de)composições: três corpus de práxis somática em dança**. 2020. 448 f. Tese de (Doutorado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA. Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32962>. Acesso em: 29 out. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

TEIXEIRA, Jéssica. **MITsp 2022 | E.L.A. YouTube**, 17 maio 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M16GDZ-bJceg&t=1s>. Acesso em: 31 out. 2024.

TODD, Mabel Elsworth. **The Thinking Body**. Connecticut: Martino Fine Books, 2017.